



MANUTENÇÃO DA IDENTIDADE JUDAICA EM CURITIBA/PR: (R)EXISTÊNCIA DA *KEHILÁ* COMO SÍMBOLO REPRESENTATIVO

Carla Caroline Holm¹
Karla Rosário Brumes²
Márcia da Silva³

RESUMO

Este trabalho é parte da tese doutoral intitulada “Territorialidade judaica em Curitiba/PR: dinâmicas coletivas a partir da *Kehilá*” que foi defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), e teve como objetivo retratar as dinâmicas sociais dos judeus migrados para a capital do estado paranaense para reconhecimento e identificação do território judaico local. Para que tal proposto fosse atingido, foram realizadas revisão bibliográfica e documental, bem como entrevistas com os sujeitos que formam a comunidade. As revisões estiveram apoiadas em temas relativos à migração, identidade, territorialidade e a própria história judaica e as entrevistas tiveram como temas condutores a percepção sobre os elementos que compõe a identidade judaica curitibana, bem como as formas de exercitar a manutenção desta identidade na cidade. Compreendeu-se na investigação que a comunidade tem como um dos principais símbolos a história judaica e a *Kehilá* – um conjunto de edificações que marcam o território local; todavia, notou-se que este último é um bem gerador de conflitos e resistências dentro do próprio grupo, de modo que a manifestação da identidade judaica ainda não é completamente manifestada e (re)vivida na realidade curitibana.

Palavras-chave: Migração. Território. Identidade cultural. Judeus. Identidade judaica.

RESUMEN

Este trabajo es parte de la tesis doctoral titulada “Territorialidad judía en Curitiba/PR: dinámicas colectivas basadas en la *Kehilá*” que fue defendida por el Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), y tuve como objetivo retratar la dinámica social de los judíos que emigraron a la capital del estado de Paraná para el reconocimiento e identificación del territorio judío local. Para buscarlo fue realizados revisiones textuales y documentales y entrevistas. Las revisiones se basaron en temas relacionados con la migración, la identidad, el territorio y la propia historia judía, y las entrevistas estuvieron guiadas por la percepción de los elementos que componen la identidad judía en Curitiba, así como las formas de ejercer el mantenimiento de esta identidad en la ciudad. En la investigación se entendió que la comunidad tiene como uno de sus principales símbolos la historia judía y la *Kehilá* - un conjunto de edificaciones que marcan el territorio local; sin embargo, se señaló que este último es generador de conflictos y

¹ Doutora em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), karol_holm@hotmail.com;

² Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (UNESP) e professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), kbrumes@hotmail.com;

³ Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (UNESP) e professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), marcia.silvams@gmail.com.



resistencias dentro del propio grupo, por lo que la manifestación de la identidad judía aún no se manifiesta y (re)vive plenamente en la realidad de Curitiba.

Palabras clave: Artículo completo, Normas científicas, Congreso, Darse cuenta, Buena suerte.

INTRODUÇÃO

A presença judaica em Curitiba é datada do ano de 1889 e retrata um período de incentivo ao fluxo migratório de europeus para a colonização das terras pertencentes ao recém emancipado estado do Paraná (GOUVÊA, 1980; WACHOVICZ, 2001). Este grupo, diferente de outras levas migratórias chegadas, carrega consigo uma característica particular em razão de ser constituído por pessoas oriundas de diferentes países, não sendo a característica étnico-nacional o elemento aglutinador chave.

As diferentes origens nacionais e, portanto, diferentes formas de interpretar e viver o judaísmo resultaram também em um coletivo de possibilidades na forma de organizar a comunidade. Agora, passados mais de 100 anos da sua fixação e tendo intenso contato entre migrantes, descendentes e outros membros da sociedade mais ampla, o grupo é claramente dividido e aquilo que se denomina de comunidade (instituições) começa a ser questionado quanto à sua efetiva função de representatividade.

Apoiado neste cenário, o objetivo do presente estudo foi retratar as dinâmicas sociais dos judeus curitibanos em relação ao reconhecimento e identificação do território judaico local, de modo a ser possível entender como as relações internas resistiam na realidade contemporânea. Entender tais movimentos mostrou-se como essencial, porque o fortalecimento comunitário – em contextos migratórios – se dá também pela via da sociabilidade; é ela que colabora para a manutenção da identidade entre os sujeitos, permitindo que suas origens sejam lembradas, revividas e passadas entre as gerações mesmo quando não se está mais fisicamente presente no “lá”.

Para que a pesquisa se concretizasse, houve revisão teórica e documental, seguida de entrevistas com os judeus *ashkenazim*⁴ que moram na cidade. Os temas condutores das reflexões foram migrações, identidade, judaísmo e territorialidade, pois julgou-se necessário ter efetivo embasamento teórico-cultural antes da abordagem dos sujeitos participantes do estudo.

Depois disso, procederam-se as entrevistas com os sujeitos, tomando por base o roteiro que buscava angariar informações relativos ao histórico migratório da família, elementos que

⁴ Originários dos países do leste europeu. Para este estudo destaca-se os vindos da Polônia e Rússia.



formam a identidade judaica (bens materiais e imateriais) e interações sociais com o grupo de judeus da cidade. A escolha dos sujeitos participantes levou em consideração os primeiros contatos estabelecidos com os gestores da *Kehilá*, pois, a partir deles, outros sujeitos foram indicados, o que permitiu uma diversidade nas fontes de faixa etária, de grau de envolvimento com a comunidade, e de posicionamento em relação à presença judaica em Curitiba.

Esta técnica é conhecida por *Snowball Sampling*, ou Bola de Neve, cujo objetivo é acessar um grupo específico de sujeitos a partir da indicação de contatos iniciais em que estes são chamados de sementes (BIENACKI, WADORF, 1981) e, através deles, inicia-se o processo de aproximação e pesquisa com os demais interessados (também chamadas de ondas). O ponto de saturação para que fossem encerradas as entrevistas com membros da comunidade foi alcançado quando se acessou 14 sujeitos, pois a partir de então somente os históricos familiares de migração foram distintos, sendo os elementos identitários e as formas de relacionamento com o grupo deveras semelhantes entre si.

Para o tratamento das informações coletadas procedeu-se com análise de conteúdo e acredita-se que foi por meio dela que outras questões acerca da migração foram suscitadas, tais como as transformações da cultura judaica quando em contato com o “outro” e as dinâmicas de poder tecidas internamente entre os judeus. Juntas, elas ajudam na reflexão acerca do panorama migratório judaico no contexto curitibano, bem como na resposta ao objetivo inicialmente traçado e oportunamente apresentado.

AS MIGRAÇÕES E A PERMANENTE (TRANS)FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DOS JUDEUS

Pensar a reconstrução territorial quando se está falando de migrações, ultrapassa a questão pura e simples de ter uma nova “terra” para chamar de sua e se avança nos sentimentos e relações simbólicas envolvidos nestes movimentos. As migrações transformam não apenas os locais de origem e destino, mas também, e principalmente, produzem mudanças nos sujeitos envolvidos direta e indiretamente nelas, pois trata-se do abrir mão de histórias, vínculos, sentimentos e vivências, além da incorporação de novos hábitos, costumes e valores no cotidiano pessoal.

Isto de deslocar-se e transformar-se permanentemente, se configura como um fenômeno social global e Sayad (1998; 2000) diz que por envolver múltiplos fatores trata-se de um fenômeno paradoxal, porque envolve pertença e abandono, presença e ausência, além de uma



ideia de passado vivido no presente/futuro almejado. Assim, ao ultrapassar a questão física (país de origem *versus* país destino) e alcançar a dimensão simbólica (construção identitária, mudança cultural, alteração de vínculos afetivos e existenciais), a migração deixa de tratar apenas de números, fluxos e direções, e passa a ter influência direta na formação dos sujeitos e sociedades, pois discorre sobre pessoas e suas histórias, no sentido mais amplo que a palavra pode alcançar.

Migrar é, portanto, sair do lugar de origem em busca de um destino, envolvendo movimentos sucessivos, não necessariamente ordenados, de pessoas e acontecimentos (BRUMES, 2012; KING, 2012). As chegadas e partidas tornam as sociedades mais diversas e necessárias de serem compreendidas para o convívio harmonioso entre todos os cidadãos que dela são parte. Para Brumes (2010), assim como para King (2012), migrar é parte da formação da própria humanidade, ou seja, os sujeitos desde sempre se deslocaram ao redor do globo e o continuarão fazendo, independentemente do tempo e da escala que isso abrangerá.

Assim, declara-se que a migração pode ser compreendida como um processo social, de ordem política, econômica, cultural e/ou outra que motive os sujeitos a se deslocarem de um local de origem para outro de destino em busca de melhor qualidade de vida, e por isso sua prática torna-se um ato comum em todo o mundo.

Dito isso, é correto inferir que ao sair de um local de origem e ir em busca de outro de destino produzem-se mudanças nos/dos elementos que compõe a identidade – característica única e de essencial relevância para o entendimento de ser quem se é. Para Woodward (2014), a identidade daquele que migra é muitas vezes contestada, porque, não raro, ela reproduz aquilo que já não existe mais na terra que ficou para trás. Os sujeitos, nessa situação, buscam por certezas étnicas para alimentar a nostalgia daquilo que lhes faz falta e com isso fazem o uso da língua, da fidelidade a determinados ritos, do estilo de vestimenta ou da manutenção de comportamentos, por exemplo, como uma forma de manter o contato e o relacionamento com uma comunidade imaginada: aquela que um dia lhes pertenceu (WOODWARD, 2014).

Segundo a autora mencionada, bem como para e Silva, Santos e Viana (2016) esta reprodução da identidade cria uma fronteira que permite reconhecer quem é de dentro e quem é de fora, quem pode ser incluído e quem deve ser excluído e quem detém traços comuns e quem destoa deles. É a partir das fronteiras criadas no novo território que são redefinidas as identidades que representam os indivíduos e como eles se relacionam com a sua coletividade.

Entretanto, para entender esta identidade, no caso judaico, é preciso ter em mente que trata-se de um grupo complexo, haja vista que em virtude do espalhamento histórico ocorrido, os elementos culturais variam de acordo com o país em que os sujeitos se estabeleceram ao



longo do êxodo, logo, nem sempre ela [a identidade] será definida a partir dos mesmos aspectos e/ou indicadores. Ehrlich (2017, p. 13) diz que as principais definições sobre o que é ser judeu apostam em “[...] cultura, raça, religião, etnia, civilização, povo, nação etc [...], mas todos se mostram incompletos e reducionistas [...]”, pois o judeu é, por essência, tudo isso e nada disso ao mesmo tempo.

Diante deste cenário, como identificar um grupo judeu ou ser identificado como parte dele? Cardozo (2012) ensina que a cultura constrói identidades, mas as identidades moldam a cultura e ambas retratam uma referência de valores que os sujeitos guardam consigo, permitindo identificar “o nós” e “o outro”, cuja fronteira entre eles só será percebida em contextos de diferença. Para Woodward (2014) e Silva, Santos e Viana (2016), a fronteira reconhece quem é de dentro e quem é de fora, quem pode ser incluído e quem deve ser excluído e quem detém traços comuns e quem destoa deles. É a partir das fronteiras que são redefinidas as identidades que representam os indivíduos e como eles se relacionam em coletividade.

Ehrlich (2017) escreve que, em razão de não terem um único local de origem, mas sim compartilharem de uma história comum, os judeus podem ser compreendidos como uma comunidade imaginada, pois seus laços e vínculos referem-se primeiramente a um território que não existe de forma materializada, ou seja, refere-se à Israel herdada historicamente como a “Terra Prometida”. O território, nesse caso, surge depois da existência do grupo em si e por isso nem todos compactuam com a ideia de que ele [este território formado na segunda metade do século XX] os representa. Sendo assim, o “ser judeu” possui singularidades e seus vínculos mais perceptíveis estão associados aos elementos simbólicos parte de uma história comum.

Para Póvoa e Silva (2016, p. 92, grifo próprio), “[...] a evidente complexidade do ‘indivíduo judeu’ [...] [e do] judaísmo é mesclada de tantas transformações culturais, étnicas e histórico-geográficas que praticamente seria não judaico aceitarem somente uma [definição]”. Sabendo disso, em os judeus não tendo uma base única para fazer referência à sua etnia, construíram sua identidade assimilando uma série de comportamentos e elementos característicos dos locais por onde passavam, entretanto, a partilha de uma história, língua e/ou religião comuns.

Portanto, percebe-se que o “ser judeu” possui singularidades e seus vínculos mais perceptíveis estão associados aos elementos simbólicos que são parte de uma história comum e isto deve tornar as fronteiras e os territórios mais fluídos e flexíveis. Nas entrevistas realizadas com os membros da comunidade judaica, ao serem questionados sobre o que formaria a identidade do grupo curitibano, alguns dos sujeitos relatavam ser todo aquele que nasce de



ventre judaico⁵. Por outro lado, havia ainda os sujeitos que atestavam que o ser judeu é sentir-se como tal e isto se manifesta quando reconhecida a história de seu povo, quando é feito o uso da língua entre seus semelhantes, quando se visita Israel ou a elege como a “Terra Prometida”⁶, quando se pratica o bem ao próximo ou ainda quando põe em prática no cotidiano doméstico e social as rezas, danças, músicas ou artes herdadas dos seus familiares e antepassados.

Percebeu-se ao longo das entrevistas que os judeus compartilham de um sentimento de pertencimento e coletividade, entretanto, os próprios sujeitos ouvidos têm dificuldades de compreender por completo o pertencimento a quê e a coletividade formada por quem (PÓVOA, 2010). Neste sentido, é correto inferir que qualificar um sujeito como sendo judeu ou não é tarefa penosa, porque trata-se de um fenômeno íntimo, individual e não reducionista ou limitador, que se manifesta quando em convivência coletiva. Desta maneira, proporcionar ambientes adequados de socialização deve ser objetivo destes grupos, pois é a partir de então que a(s) identidade(s) pode(m) ser fortalecida e mantida mesmo com o passar dos anos e já fora do seu lugar de origem.

O TERRITÓRIO JUDAICO EM CURITIBA E SUA EFETIVA REPRESENTAÇÃO DA/NA COMUNIDADE

Como pode ser percebido, a caracterização do que é ser judeu está longe de obedecer a regras específicas ou resultar em definição única, entretanto, é correto afirmar que, em razão do seu histórico migratório e de dispersão por todas as partes do globo, a formação do ser judeu é múltipla e vai refletir nos diversos modos de ser vivida a judeidade de cada indivíduo. Estas jornadas historicamente opostas e semelhantes ao mesmo tempo mostram, ainda nos dias de hoje, referências da vivência destes sujeitos, e atestam que suas trajetórias agregaram experiências únicas que os moldaram ao longo da vida, de modo que a judeidade não pode ser apresentada de forma engessada.

Um elemento central que auxilia na identificação dos judeus e também demarca o território formado por eles é a criação das instituições. Elas têm papel central pois atuam como elementos aglutinadores e representativos e sempre devem somar esforços para os interesses do

⁵ Na perspectiva religiosa, é considerado judeu todo aquele nascido de ventre judaico ou convertido de acordo com as leis estabelecidas pela *Torá* (ROCHA, 2015).

⁶ Muitos judeus, apoiados por políticas de Israel, optam por fazer a migração de retorno (para morar definitivamente) por entenderem que aquele Estado é o estado judaico prometido desde o início dos tempos ao povo judeu. Este movimento é denominado de *aliyah*.



coletivo e para a manutenção da união e identidade. Para Oz (2017), as instituições sustentarão uma comunidade e serão efetivamente representativas quando são formadas por um grupo homogêneo que dá ouvidos a diferentes vozes.

Sorj (2004) destaca ainda a importância destes locais para o fortalecimento de uma comunidade, pois eles materializariam o vínculo com um local de origem. Na visão do autor, quando estas instituições são efetivamente representativas e estimulam o convívio entre os sujeitos migrantes e àqueles que em um local ficaram, não há resistências em desenvolver ou manter laços com a terra mãe.

Em Curitiba a comunidade judaica conta com a presença de 11 instituições, conforme consta no quadro 02, e embora sejam muitas, elas estão centralizadas em um único recorte espacial da cidade e este denomina-se *Kehilá* - que traduzido do ídiche significa comunidade. Neste local encontram-se instituições religiosas, de ensino, beneficência e cultura e lazer e, por se obedecer este formato agrupado, deveria ser o ambiente de encontro, socialização e de fortalecimento e manutenção identitária dos judeus.

Quadro 02: Instituições judaicas de Curitiba que formam a *Kehilá*

INSTITUIÇÃO	FUNÇÃO
Confederação Israelita do Brasil (não possui uma unidade específica no Paraná, mas possui relação direta com a comunidade)	Representar todas as comunidades judaicas Brasil junto ao Estado, outras Federações Internacionais, imprensa e, sobretudo, acordos/negociações/parcerias com Israel.
Comunidade Israelita Paranaense – CIP (<i>Kehilá</i>)	Complexo que congrega, orienta e organiza todas as demais instituições judaicas de Curitiba. É a materialização do território judaico na capital paranaense.
Federação Israelita do Paraná - FEIPR	Entidade filiada à CONIB cuja missão é representar os interesses da Comunidade junto ao estado, outras Federações, imprensa, Estado, etc.
Museu do Holocausto	Servir a comunidade e sociedade como instrumento de educação e reflexão sobre a <i>Shoah</i> . Abriga em seu acervo memórias materiais e imateriais dos sobreviventes que imigraram para o Brasil, Paraná e Curitiba e, segundo o <i>site</i> institucional, o Museu “(...) destaca a luta contra a intolerância, o ódio, a discriminação, o racismo e o bullying, tão relevante nos dias de hoje” ⁷
Sinagoga Beith Yaacov	Promoção de atividades religiosas, culturais, sociais e de assistência voltadas ao ensino da Torá. Recebe judeus frequentada por judeus conservadores ⁸
Escola Israelita Brasileira Salomão Guelmann	Formação educacional para as crianças e jovens da comunidade judaica e cidadãos externos. Preocupa-se com a formação global, mas também apresenta os valores e conhecimentos apreendidos pela comunidade judaica.
B'nai B'rith	Atuação de beneficência a judeus e não-judeus; sensibilização e lutas relacionadas ao preconceito, antissemitismo e direitos humanos.

⁷ Disponível em <https://www.museudoholocausto.org.br/>

⁸ Existem três tipos principais de comunidades religiosas judaicas (1. Ortodoxa; 2. Conservadora; e 3. Reformista) e a diferenciação entre elas se dá em relação à interpretação e vivência prática daquilo que é apreendido na Torá.



N'Amat Pioneiras	Organização sionista brasileira voltada à resolução de problemas inerentes às mulheres e suas famílias (emprego; autoestima; estímulo à liderança; etc.). É um movimento mundial e está vinculado ao Partido Trabalhista Israelense.
Womans International Zionist Organization - WIZO	Organização feminina pró-sionismo que desenvolve trabalho de beneficência para membros e não-membros da comunidade. Preocupa-se com a transmissão da cultura e atua sobretudo em áreas de maior carência. Tem características ideológicas semelhantes ao N'Amat, todavia diferencia-se por manter-se apartidário.
Habonim Dror	Movimento juvenil cujo objetivo é difundir os valores do judaísmo e lutar contra a assimilação nas comunidades da diáspora. Filiado ao Partido Trabalhista Israelense, o grupo também busca lutar pela validade e respeito do pluralismo religioso.
Instituto Cultural Judaico Brasileiro Bernardo Schulman (ICJBBS)	Pesquisa e a difusão da cultura judaica entre as pessoas e grupos de interesse. Mantém o acervo que retrata a memória da comunidade (doações de famílias e/ou indivíduos) e promove eventos diversos relacionados à cultura: religião, teatro, dança, música, etc.
Chevra Kadisha	Órgão administrativo responsável pelos cuidados religiosos/sagrados de toda a comunidade. Faz a gestão da Sinagoga; preocupa-se em se fazer presente nos momentos difíceis (doenças e/ou falecimentos); e administra os Cemitérios Israelenses (incluindo os ritos de despedida e luto).
Sinagoga Beit Chabad (Não faz parte do complexo, mas inclui-se como uma instituição representativa presente na capital)	Promoção de atividades culturais, sociais e de assistência voltadas ao ensino da Torá – frequentada por judeus ortodoxos

Fonte: Organização das autoras, com base nas informações da Comunidade Israelita Paranaense – CIP (2021).

Diz-se que este coletivo institucional deveria ser o ambiente comum dos judeus locais (e não que o é), porque ao serem entrevistados membros do grupo ouviu-se que a *Kehilá*, em razão das dinâmicas que envolvem a sua gestão e formato, é uma estrutura aglutinadora ao mesmo tempo em que é segregadora. Isto porque a compreensão do que é ser judeu e viver o judaísmo nas suas variadas possibilidades, influencia no pleno acesso das instituições, bem como o sentir-se representado por elas.

Segundo o Presidente do Instituto Cultural (2020)⁹, o pensamento da *Kehilá* é de que ser judeu é “manter a religião, identificar-se com a Terra e pertencer ao Povo”, estimulando por meio deste tripé o compromisso comunitário e o sentimento de pertencimento coletivo. Mas para um dos entrevistados

(...) esta ideia de definir a judeidade a partir deste tripé não pode ser completamente verdade, porque este mesmo tripé que diz quem é de dentro, acaba funcionando como mecanismo de exclusão dos próprios judeus em

⁹ Entrevista realizada em janeiro/2020.



determinados momentos, e estou certo de que isso vai na contramão do que é judaico de verdade (...) (ENTREVISTADO 01, 2020)¹⁰

Na visão deste sujeito, na *Kehilá* existem determinadas escolhas culturais sobre o “ser judeu” que afastam aqueles que não entendem e vivem o judaísmo da mesma forma. Entende-se que por ser um território, em tese, representativo deveria haver neutralidade em relação à estas diferenças tão presentes no entorno judaico.

Para Oz (2017), a comunidade é uma característica também do povo judaico, mas ela só é de verdade quando é formada por um coro de muitas vozes, onde o humanismo e o pluralismo são vividos na sua integralidade. E a partir da fala do entrevistado, nota-se que a comunidade de Curitiba apresenta alguns aspectos que destoam desta interpretação, servindo em algumas situações como ferramenta segregadora e que faz perder o sentido as palavras “comunidade” e “representatividade”

Sorj (2004), Cardozo (2012) e Silva, Santos e Viana (2016) pontuam que, no processo de reconstrução do território, as instituições deveriam exercer papel fundamental, pois elas acolhem, somam forças e representam os sujeitos na sociedade receptora, além de oficializarem as fronteiras e a identificação de quem faz parte do “nós”. Dessa forma, a materialização do território pela via institucionalizada precisa servir de segurança para o migrante e de identificação com e na comunidade – e não o oposto.

Ao pensar a realidade dos judeus curitibanos, percebe-se que esta identificação e segurança são parciais, isto porque os sujeitos reconhecem-se de maneira diversa e imprimem com isso sentidos diferentes acerca do papel das instituições e a efetiva representação por meio dos seus líderes. Isso faz com que, em paralelo ao estabelecimento do grupo e seu fortalecimento institucional, surjam concepções, crenças, valores e ideologias com muitas particularidades que não permitem que haja uma representação plena do grupo, se não uma parcela específica dele.

Partindo da ideia de que a migração carece da construção de um novo território e de que este precisa representar o grupo enquanto promove relações assimétricas também entre os sujeitos que o constituem, como pensar na reterritorialização dos judeus em Curitiba? Como pensar na representação institucional perante a sociedade mais ampla? E como entender os jogos de poder que, na perspectiva da fronteira estabelecida pela *Kehilá*, ora incluem e ora segregam os sujeitos parte da comunidade local?

¹⁰ Entrevista realizada em janeiro/2020. Assegurado o anonimato do entrevistado, prezando pelo preceito ético empregado em todas as entrevistas da pesquisa.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a migração provoca o deslocamento de um sujeito do seu local de origem, ela automaticamente faz emergir a necessidade de assento em outro de destino. A construção desse novo território é reflexo das múltiplas relações, referências e representações que compuseram o indivíduo, e este, portanto, passa a ser agente multiterritorializado e ambivalente.

A reconstrução do território se fortalece quando se efetivam instituições representativas, pois por meio delas forma-se um reduto singular no espaço e nelas reforçam-se as identidades dos sujeitos, dando junto disso uma ideia de segurança e fortalecimento coletivo. Durante a pesquisa e colocando-se em evidência a teoria com as falas dos entrevistados, chegou-se à conclusão de que o território judaico que se materializa hoje em Curitiba possui fronteiras bem delimitadas e, não raras vezes, estas fronteiras excluem até mesmo aqueles que se identificam como judeus e têm as histórias de suas vidas atreladas aos movimentos ocorridos desde o final do século XIX até os dias de hoje.

Percebeu-se que mesmo no estabelecimento de um território que deveria representar e identificar os sujeitos, existem conflitos, pois nele o poder não é homogêneo e varia também nas microrrelações. Assim, é correto inferir que o território judaico local se configurou como um ambiente de relações e interesses múltiplos e que, não raras vezes, ele emerge como palco de disputas internas.

Em um primeiro momento pode parecer que isso não afeta tanto a comunidade, que tem se mantido por mais de 100 anos, mas se observado o passado, o presente e colocado em perspectiva o futuro, os distanciamentos são comprovados e podem, inclusive, se acentuar e comprometer a ideia de representatividade da comunidade - que aos poucos já vem diminuindo por razões demográficas. A questão institucional e de efetiva representatividade, portanto, mostra-se como um entrave para o grupo curitibano e o fato de haver uma centralização espacial e de poder mina algumas possibilidades de vivência do judaísmo local e sentimento de reconhecimento em relação ao grupo.

Isso faz surgir a necessidade de reflexões por parte das lideranças, mas, de maneira complementar, coloca também sobre os liderados a responsabilidade de cobrar por mudanças, afinal, se todo poder emana do povo, esse povo precisa organizar-se em prol de seus interesses também. Se de fato há uma preocupação com a imagem da comunidade e seu poder aglutinador, se de fato o viver em coletividade importa e auxilia na manutenção da identidade judaica, a responsabilidade de transformação deve ser compartilhada e novos horizontes devem ser prospectados em nome da sobrevivência da própria comunidade em Curitiba.



REFERÊNCIAS

BIERNACKI, Patrick. WALDORF, Dan. Snowball Sampling: Problems and Techniques of Chain Referral Sampling. **Sociological Methods & Research**. Vol. 10, *Inssue 2*, 1981.

BRUMES, Karla Rosário. **Redes em espaços migratórios**: Uberlândia – MG. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista (UNESP). Presidente Prudente, 2010.

CARDOZO, P. F. **O Líbano ausente e o Líbano presente**: espaço de identidades de imigrantes libaneses em Foz do Iguaçu. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba, 2012.

COMUNIDADE ISRAELITA DO PARANÁ – CIP. Site institucional. Disponível em <https://www.comunidadeisraelita.com.br/>. Último acesso em outubro/2021.

EHRlich, M. **O Macabeu**: imigração e identidade judaica no Paraná. Curitiba: SAMP, 2017.

GOUVÊA, R. R. **Comunidade judaica em Curitiba** (1889-1970). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba, 1980.

KING, Russeull. **Theories and Typologies of Migration**: An Overview and a Primer. Malmö Institute for Studies of Migration, Diversity and Welfare (MIM) - Malmö University, 2012.

OZ, A. **Mais de uma luz**: fanatismo, fé e convivência no século XXI. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

PÓVOA, Carlos Alberto. **Territorialização dos judeus na cidade de São Paulo**. São Paulo: Humanitas, 2010.

PÓVOA, Carlos Alberto. SILVA, Mauro Cristiano de Paula. As extensões geográfico-culturais da diáspora e as novas comunidades judaicas. **Revista Espaço e Cultura**. UERJ/RJ, n. 41, janeiro/junho, 2016.

ROCHA, Arlindo Nascimento. Ser judeu: uma herança genética transmitida unicamente pelo sangue? **Revista Vértices**, n. 19, 2015.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração**: ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: Edusp, 1998. _____. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. **Travessia Revista do Migrante**. Janeiro/2000.

SILVA, G. S. SANTOS, A. S. VIANA, E. M. Entre “partir” e “ficar”: a migração além do processo de deslocamento físico. **Anais VII ALAP e XX ABEP** – Congresso de la Asociación Latino-Americana de Población/Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Foz do Iguaçu, 2016. Disponível em: http://www.abep.org.br/xxencontro/files/_paper/392-453.pdf. Último acesso em: jul/2021.



XIV ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM

GEOGRAFIA

5ª EDIÇÃO ONLINE

10 À 15 DE OUTUBRO DE 2021

ISSN: 2175-8875

SORJ, B. Diáspora, judaísmo e teoria social. In: GRIN, Monica.; VIEIRA, Nelson. H. (Org.). **Experiência cultural judaica no Brasil**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.

WACHOVICZ, Ruy. **História do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.